

CIDADES MÉDIAS DO CEARÁ, ESTADO DO NORDESTE DO BRASIL, E SUAS DINÂMICAS CONTEMPORÂNEAS

Virginia Célia Cavalcante de Holanda¹
Zenilde Baima Amora²

Resumo

Nas últimas duas décadas houve uma profusão de mudanças na sociedade e no espaço cearense. Mudanças estas, gestadas em diferentes escalas marcadas pela reestruturação capitalista, resultando em uma série de ações públicas e privadas com repercussões na produção do espaço urbano deste estado nordestino. Apreender as dinâmicas urbanas daí decorrentes constituiu nosso enfoque que teve como objeto empírico de investigação as cidades de Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu. Cidades que se destacam no Ceará e no Nordeste do Brasil, como centros polarizadores o que lhes confere, em parte, o atributo de cidades médias. Dados coletados nos permitem inferir que novos usos foram incorporados aos espaços destas cidades fortalecendo o papel regional que exercem, não obstante seus centros não apresentarem a saturação, em geral, comum aos de outras cidades brasileiras tradicionalmente mais desenvolvidas. Entretanto eles se reorganizam ao mesmo tempo em que novos espaços são valorizados ao abrigarem atividades mais modernas e voltadas, *a priori*, para o consumo dos cidadãos. Depreende-se que essas novas dinâmicas estão vinculadas ao processo de reestruturação produtiva e favorecem a reprodução capitalista do espaço que não se viabiliza mais nas formas de organização tradicional, até bem pouco tempo, baseadas nas trocas de produtos regionais.

Palavras Chaves: Nordeste Brasileiro; Cidades Médias; Reestruturação produtiva.

¹ Prof^a da Universidade Vale do Acaraú-UVA e do Mestrado Acadêmico em Geografia da UECE. E-mail: virginiaholand@hotmail.com

² Prof^a. da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: zenildeamora@yahoo.com.br

Introdução

A apreensão das mutações e estratégias espaciais vinculadas às cidades médias demandam, em princípio, um esforço de retorno às principais representações pertinentes ao campo da Geografia calcadas nas abordagens daqueles autores que contribuíram para o entendimento desta categoria de cidade. É possível se afirmar a existência de uma rica bibliografia sobre essa temática com a produção de livros, artigos, dissertações e teses tanto no Brasil como em outros países, resultando em variadas contribuições sobretudo no que tange a discussão teórica.

A princípio, à ideia vincula-se a taxonomia que apreende os objetos, as coisas a partir da dimensão: grande, média e pequena, porém isso não é o bastante. Afinal o que representa essa divisão quando se está falando do urbano enquanto dimensão abstrata e da cidade enquanto materialidade concreta? No centro da reflexão sobre a cidade e o urbano, considera-se que ela não se enquadra na perspectiva metropolitana, por um lado, e, por outro, ultrapassa o meramente local.

O caminho da análise é sempre a busca do já conhecido, do produzido, portanto de uma bibliografia para dar conta das reflexões que colocam no centro do debate o entendimento do que é médio. Esse momento coincide com a retomada da discussão a propósito das cidades médias no Brasil haja vista o expressivo crescimento que registraram a partir da década de 1990, inclusive suplantando o das metrópoles. A partir de então houve um enriquecimento substancial das reflexões referentes a essa temática com a proliferação de estudos contemplando as diferentes realidades regionais brasileiras. Mas foram, sobretudo as reflexões de cunho teórico abordando a problemática conceitual, que constituiu o grande avanço sobre os estudos referentes às cidades médias no Brasil, a exemplo das contribuições de Amorim Filho, (2007); Amora & Costa (2007), Spósito, (2001, 2006, 2007); Corrêa,(2007), Pontes, (2006), Soares, (1999), entre outros.

Outro desafio atrela-se a condição específica do urbano no passado e no presente, portanto, o referente às particularidades, ao distinto, o significado da cidade média no contexto nordestino e cearense, em particular. Desse modo, reafirmamos as singularidades do urbano no Ceará sem perder de vista as dificuldades de se estabelecer o que é geral e o que é específico.

A presente reflexão é resultado de anos de pesquisa sobre as cidades médias no contexto cearense (Nordeste do Brasil) na qual se enfatiza suas características e dinâmicas contemporâneas. Foram consideradas como cidades médias, por ordem de tamanho³: Juazeiro do Norte abrigoando uma população de 249.936 habitantes, Sobral com uma população total de 188.271 habitantes; Crato e Iguatu com 121.462 e 96.523 habitantes respectivamente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2010)⁴. Salientamos que esses números correspondem aos residentes nos municípios, que em sua grande maioria habita a sede urbana municipal. A figura 01 indica a localização dos municípios estudados no território cearense.

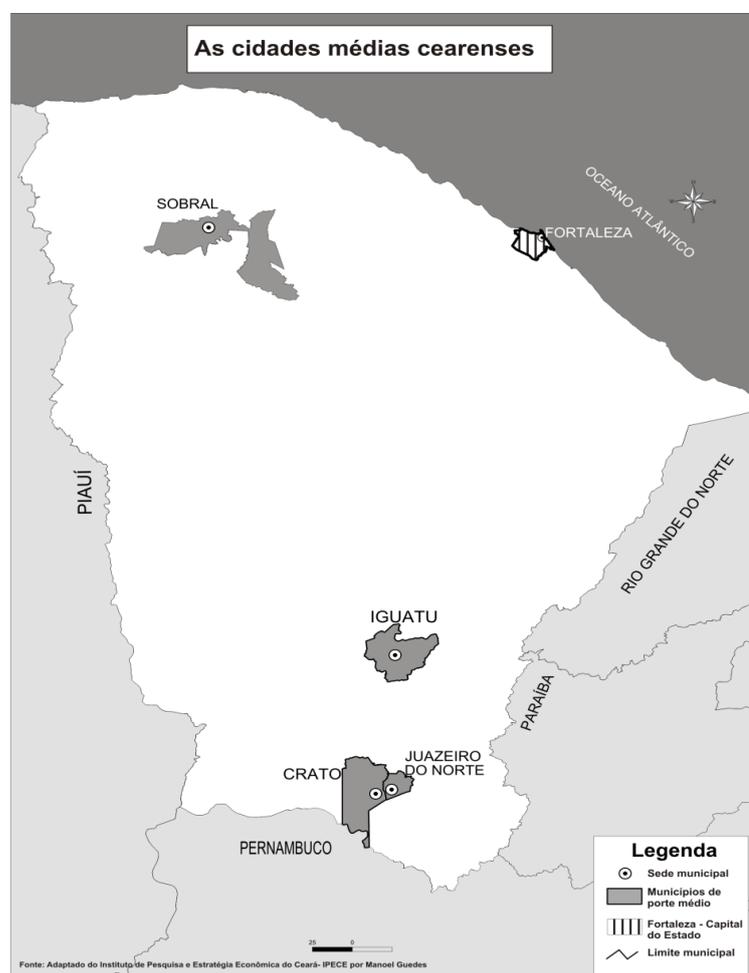


Figura 01 –Localização das Cidades Médias Cearenses

³ Com base em estudos realizados pelo IPEA, as cidades médias brasileiras são aquelas que, de acordo com os dados do Censo de 1991, contam com uma população urbana entre 100 mil e 500 mil habitantes. Já para a ONU as cidades médias são aquelas com população entre 100 mil e um milhão de habitantes. TOMAS, (1998). ANDRADE, T. A. & Serra, R. V. (1998)

⁴ Número correspondente aos residentes nos municípios, haja vista não ter sido ainda divulgado pelo censo de 2010 os dados referentes a população das sedes dos municípios.

O campo de estudo e métodos de análises adotados tiveram por base as hipóteses que consideram indubitavelmente as mutações ocorridas nestas cidades, apreendidas a partir de premissas iniciais, mas que foram reconsideradas à medida que se avançava na pesquisa de campo. Fica assim, evidente o uso não só de dados estatísticos, levantados em fontes convencionais; (IBGE, RAIS, IPECE e SEFAZ), mas também os obtidos em fontes primárias. Os dados coletados foram imprescindíveis ao aporte comparativo, classificatório e evolutivo permitido pelas variáveis demográficas e econômicas. Contudo a análise não se restringiu ao quantitativo uma vez que a abordagem de cunho qualitativo foi imperativa, em especial a base teórica acumulada com os estudos sobre as cidades médias sem que para isso tivéssemos que nos submeter a rigidez dos conceitos.

Partindo-se da base teórica consultada infere-se que uma cidade média define-se pelo papel que desempenha na organização regional, não obstante seja este também comum às grandes cidades e também no que concerne à posição que ocupa na rede urbana local ou regional. Ora, esse papel regional permanece nas cidades analisadas sem grandes alterações, todavia o conteúdo dessa regionalização muda o que não é novidade, cabendo portanto aprendê-lo por meio das interações com a estrutura social determinada pela cidade média.

A Urbanização concentrada e as Cidades Médias no Sistema Urbano do Ceará

O Ceará entrou tarde na divisão Internacional do Trabalho se comparado a Pernambuco e Bahia, atuais estados que, entre outros compõem a Região Nordeste do Brasil, conforme assinalam vários estudiosos. A sua ocupação espacial esteve desde o início atrelada as economias criatória e algodoeira que juntas propiciaram as primeiras formas de divisão do trabalho e formação dos primeiros aglomerados urbanos no século XVIII.

Com a posse das terras cearenses deu-se a criação das primeiras vilas que, em princípio, não obedecem, a nosso ver, aos principais parâmetros de representação de cidades. Não eram, em princípio, mercados, santuários ou sedes nobilitárias sendo criadas por determinação da coroa portuguesa muito mais com a intenção de posse do

território⁵. Não obstante, as vilas de Sobral, Icó, Aracati, no Ceará, concentraram população, atividades comerciais, ainda nas primeiras décadas do século XVIII, mas eram sobretudo, sedes administrativas de onde partiam comandos, poder político e religioso.

Sabe-se que, em uma perspectiva teórica, as cidades surgem quando concentram o excedente produzido no campo, quando parte da população pode viver de outras atividades (artesanato, comércio, serviços) sem que tenha que prover seu próprio sustento. Mas é especialmente a presença de uma classe dominante que se apropria do excedente produzido com as atividades agrícolas que ocorre o domínio da cidade sobre o campo, estabelecendo-se, assim, a clássica divisão cidade e campo.

No caso do Ceará, onde predominou a economia criatória e a produção do algodão para exportação restou a população pobre sobreviver da agricultura de subsistência, ao mesmo tempo formação de um excedente comercializável não propiciou um maior desenvolvimento das cidades. A urbanização se deu de forma concentrada, em Fortaleza, por razões bastante conhecidas como a sua condição de capital e de porto de escoamento da produção algodoeira. Fatores estes que lhe conferiram em meados do século XIX a hegemonia urbana cearense.

A migração que alimentou historicamente o crescimento das cidades em todo mundo, foi fator também preponderante para o crescimento de Fortaleza, porém trazendo em seu bojo características intrínsecas as desigualdades sociais no campo marcadas pela distribuição extremamente desigual da terra. As cidades que mais se desenvolveram no Ceará, fora da capital, foram praticamente as antigas vilas cujo desenvolvimento antecedeu o de Fortaleza, mas que a partir da segunda metade do século XIX perderam não só importância como se distanciaram dela em termos de população e crescimento econômico⁶, sendo elas: Crato criada em 1764, Sobral em 1772 e Iguatu desmembrada de Icó em 1851, portanto não havendo grandes alterações na rede urbana cearense. A exceção cabe a Juazeiro do Norte, no Cariri, que de distrito

⁵ “A Fundação das primeiras vilas e cidades no Ceará tinha por objetivo implantar atividades administrativas, militar e religiosa antes de atingir o nível de convergência da produção regional” (SOUSA, 1995)

⁶ Lemenhe em seu importante estudo: “As razões de uma cidade,” trata do processo de hegemonia de Fortaleza enquanto centro urbano que extrapola os limites do Ceará, argumentando sobre o poder de controle da cidade a partir da independência do Brasil que não se deu sem contradições, pois ao mesmo tempo em que a nova ordem propiciou a expansão de algumas cidades, barrou e anulou as possibilidades de expansão de outras. (1991, p. 87)

do Crato foi elevada a categoria de cidade em 1911, ascendendo, nos anos de 1960 a condição de maior centro urbano do interior cearense.

A concentração da população, das atividades, da produção, dos serviços e da riqueza, bem como os pressupostos de hegemonia de Fortaleza constituíram objeto de estudos de autores de diferentes áreas dentre os quais destacamos: Brasil Souza (1972); Lemenhe (1991); Dantas (2003); Silva (2004); Sousa (2004); não cabendo nesse artigo a retomada destes estudos haja vista que o nosso objetivo está centrado nas cidades médias.

As Cidades Médias Cearenses e suas dinâmicas contemporâneas

As décadas de 1960 e 1970 foram pródigas nos estudos pautados na funcionalidade, hierarquia urbana e função regional exercida por essas cidades, porém não seria qualquer cidade mas àquela que tem uma função coletora e distribuidora. No Ceará foram principalmente as cidades médias que desempenharam esse papel. Todavia, essa função se altera, sobretudo, a partir dos anos 1970 no Ceará e no semiárido nordestino de um modo geral com a desorganização da economia agrária exportadora pautada na cultura algodoeira que entrou em crise devido a diversos fatores entre os quais a praga do bicudo. Os antigos centros coletores de produção agrícola se reestruturam e entra em cena as políticas públicas, que, paralelamente às externalidades, culminaram com a redefinição dos fluxos e os centros de Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu se reafirmaram enquanto cidades médias.

Mudanças expressivas acontecem no modelo de governança cearense depois de 1985, dentro do conhecido “choque de gestão” inerente ao modelo neoliberal. Nas ações iniciais estão a austeridade fiscal, criação de modernas materialidades sobre o território e desenvolvimento por meio do tripé: indústria, agroindústria e atividade turística. Essas ações repercutiram consideravelmente no desenvolvimento econômico do estado, assinalado pela diversificação e ampliação da produção *material*, a exemplo da indústria de transformação, e da produção *não-material*. Aportam no território cearense, principalmente nas Cidades Médias, indústrias, serviços mais especializados e comércios mais modernos, repercutindo substancialmente na ampliação do Produto Interno Bruto –PIB, conforme trataremos mais adiante.

No que diz respeito as atividades econômicas é perceptível a expansão que apresentam essas cidades em consequência da diversificação tanto de bens comerciais quanto de serviços, aliados as modernas formas de consumo. Assim, as cidades estudadas evidenciam acréscimo de registro nesses setores, notadamente quando analisados os números atinentes a última década. (Tabela 01). Esta Situação é, de certa forma, sustentada pelas gestões municipais ao aderirem o modelo de gestão estadual auto nomeada de moderna, com uma política fiscal mais austera e constante preparação do território para atração de novos empreendimentos que se instalam no espaço intraurbano. Tudo isso repercutiu na ampliação da centralidade dessas cidades e na dilatação de suas hinterlândias.

**Tabela 01: Evolução das atividades Econômicas Registradas
Nas Cidade Médias Cearenses**

	1985	1990	1995	2000	2005	2009
Juazeiro do Norte	666	819	1146	1894	2620	3318
Sobral	558	629	849	1369	1617	1950
Crato	364	431	620	878	1092	1310
Iguatu	0	0	365	676	926	1088

Fonte: RAIS/CAGED/2009

As dinâmicas econômicas refletem no crescimento do PIB desses municípios, em grande parte oriundo das atividades comercial e de serviços, pois o capital produtivo não constitui o vetor o principal do aquecimento da economia nas áreas estudadas, a exceção de Sobral. Juazeiro do Norte apresentou no ano de 2008 um PIB de R\$ 1.733.091 sendo que dessa receita 84,34% foram provenientes do comércio e dos serviços. Sobral registrou, entre as cidades médias cearenses o maior PIB industrial, ou seja, 37,89%, enquanto as atividades comercial e de serviços representaram 59,75% do PIB correspondendo a um total, em dados absolutos, de R\$ 1.475.083. Crato teve um PIB de R\$ 579.218, sendo que 79,76% foram gerados no comércio e nos serviços. Iguatu, por sua vez, apresentou um PIB de R\$ 480.185, sendo 77,85% oriundos do comércio e serviços. Percebe-se que no intervalo correspondente ao período de 2004 a 2008 houve um crescimento substancial do PIB ligado ao comércio e serviços nas cidades estudadas, com destaque para a cidade de Iguatu que registrou o maior aumento. (Tabela 02)

Tabela 02 - PIB dos Municípios de Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu (2004 – 2008)

Atividades	Juazeiro do Norte 2004 %	Juazeiro do Norte 2008 %	Sobral 2004	Sobral 2008	Crato 2004	Crato 2008	Iguatu 2004	Iguatu 2008
Agropecuária	0.49	0.42	1.48	2.34	2,86	3.73	13.37	7.21
Indústria	29.84	15.23	57.88	37.89	30.0	16.50	29.85	14.92
Comércio e Serviços	69.68	84.34	40.64	59.75	67.14	79.76	56.78	77.85

Fonte: IPECE/2010

Quando refletimos sobre os aspectos da reestruturação urbana, provocada por esse dinamismo econômico, observamos que a demanda por bens e serviços é maior por parte da população residente na cidade, o que contribui para a expansão das periferias com a instalação de grandes equipamentos como supermercados e revendedoras de veículos automotores. As revendas de veículos automotores buscam as vias de saída das cidades, uma vez, que elas ocupam, em geral, grandes espaços e suas fachadas seguem o mesmo padrão das autorizadas que funcionam nas metrópoles, obtendo um certo destaque visual onde estão localizadas. Por outro lado, os centros tradicionais dessas cidades se reafirmam apoiados na demanda regional, a exemplo da venda em atacado, dos negócios bancários, bens especializados como eletrodomésticos, óticas, papelarias, etc. A sede do Poder Público Municipal nas cidades também permanece no centro, mas algumas secretarias municipais e instituições públicas estaduais e federais já começam a se instalarem em outros bairros.

Quanto a distribuição dos empregos (Tabela 03) vale destacar que as ocupações formais não estão mais restritas ao comércio local e ao serviço público. No caso de Juazeiro do Norte e Sobral é perceptível a importância do número de empregos na indústria de transformação bem como no comércio e serviços, denotando a maior expressão que essas cidades assumem no setor produtivo propriamente dito. Sobral exibe o maior número de pessoal ocupado na indústria de transformação se comparado as cidades consideradas com cerca de 50,20% do emprego formal. A indústria de

transformação também é representativa em Juazeiro do Norte com 28,45% dos empregos formais e na cidade do Crato com 25,81%. Dos municípios estudados Iguatu é o que apresenta o menor volume de empregos formais na indústria de transformação, cabendo ainda o forte peso das ocupações no setor público com um percentual de 30,89%. Não obstante o crescente aumento das ocupações nas atividades ditas produtivas, o setor terciário assume papel preponderante no contexto das atividades urbanas nas cidades médias pesquisadas, com exceção de Sobral, que abriga a maior indústria do setor calçadista do estado do Ceará.

Tabela 03: Número de empregos formais das Cidades de Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu (2008)

	Juazeiro do Norte	Sobral	Crato	Iguatu	Estado do Ceará
Discriminação de transformação					
Industria de transformação	8.796	16.748	3.754	2.686	215.542
Comercio	8.361	5.551	3.040	2.807	169.887
Serviços	6.794	6.643	3.744	1.904	307.988
Administração Pública	5.612	2.937	3.687	3.574	356.239
Demais ocupações	1.374	1.478	316	599	80.343
Total de empregos formais	30.93	33.357	14.541	11.570	1.129.999

Fonte: IPECE/2010

Todas essas mudanças vêm acompanhadas de um forte crescimento populacional com reflexos na taxa de urbanização. (Tabela 04). Juazeiro do Norte apresentou o maior crescimento nas últimas quatro décadas, com aumento populacional da ordem de 160%, sendo que na derradeira década registrou um acréscimo de 17,80%. Os demais municípios apresentam também taxas de crescimento demográfico expressivas para o mesmo intervalo considerado, ou seja, de 1970 a 2010, Sobral cresceu no período 84,00%, Crato 70,69% e Iguatu 27,77%. Chama atenção o município de Iguatu que embora tenha involução no intervalo de 1980 a 1991, exhibe

crescente taxa de urbanização e volta a aumentar sua população total nas décadas seguintes.

Tabela 04: População Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu e Taxa de Urbanização (1970 -2010)

	1970	% T. U.	1980	% T. U.	1991	% T. U.	2000	% T.U.	2010	% T. U.
Juazeiro do Norte	6.112	83.94 %	135.61 6	92.93 %	173.7 86	95.02 %	212.1 33	95.33 %	249.9 36	96.07 %
Sobral	102.2 95	58.88 %	118.02 6	69.83 %	127.4 89	81.47 %	155.2 76	86.63 %	188.2 71	88.35 %
Crato	71.15 7	58.79 %	80.677	72.23 %	90.51 9	77.64 %	104.1 96	80,19 %	121.4 62	83.10 %
Iguatu	75.54 0	42.18 %	82.949	54.58 %	75.64 9	70.22 %	85.61 5	72.84 %	96.52 3	77.34 %

Fonte: Site do IBGE/2010

Ao se analisar o contingente populacional dos municípios pesquisados em relação ao total da população cearense para o ano de 2010, constata-se que eles representam 7,76% da população do estado que é de 8.448.055 habitantes, ou seja, permanece a supremacia da Região Metropolitana de Fortaleza que abriga 42,73% da população de todo estado, reforçando ainda a macrocefalia urbana que historicamente colocou o Ceará em uma situação diferenciada em relação aos demais estados nordestinos.

Todavia, convém destacar que apesar da forte concentração populacional na Região Metropolitana de Fortaleza, as mudanças verificadas no quadro de urbanização cearense estão sobremaneira ligadas às novas dinâmicas vivenciadas nessas cidades médias. Os novos investimentos acabam por redimensionar o papel de cidades como Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu que passam a estabelecer conexões territoriais verticalizadas ao mesmo tempo que reforçam antigas horizontalidades no espaço contíguo.

Considerações finais

Com o presente estudo chegamos a algumas considerações finais, que reforçam as hipóteses iniciais sobre as mutações recentes das cidades médias cearenses e conseqüentes implicações na reorganização do urbano cearense. Embora mantenham-se

os tradicionais setores que as caracterizavam historicamente, convém destacar as novas lógicas que, no presente, reconfiguram essas cidades, a exemplo das atividades produtivas, fruto da reestruturação do capital com alterações significativas na produção do espaço urbano. O comércio e os serviços se reorganizam frente a nova lógica do consumo ao mesmo tempo que as feiras com os produtos regionais resistem a essas mudanças.

Assim, seguindo a linha de raciocínio que tem como ponto de partida as representações sobre as cidades médias reforçamos a não abrangência conceitual se levarmos em conta as diferenças regionais. Estas resultantes, da ação dos atores sociais e das práticas que aí se desenvolvem ao longo da história o que se justifica pensar além da cidade e a cidade média em diferentes contextos.

Um olhar sobre as cidades médias brasileiras de um modo geral indica semelhanças e diferenças no que se refere a origem, relações com o campo, predomínio de uma ou outra atividade, porém o que mais as aproximam é a condição que exercem como centros regionais, critério que as define como cidades médias uma vez que “uma cidade é parte de um espaço marcado pelas contiguidades.” (SPOSITO, 2001, p. 629).

Outro aspecto que chama a atenção ao considerarmos os papéis exercidos pelas cidades médias brasileiras diz respeito ao nível de desenvolvimento das forças produtivas que são diferenciadas em relação às regiões. A relação que a cidade estabelece com a região vai depender da conjugação de forças econômicas, políticas e sociais que vão desde as questões relativas ao desenvolvimento das atividades produtivas no campo à concentração de equipamentos e serviços na cidade e a dinâmica do poder público.

Desse modo é possível se fazer a diferença entre uma cidade média do Sudeste em relação a uma outra do Nordeste brasileiro. Não se está falando do controverso critério da dimensão populacional como definidor deste padrão de cidade, ou seja, do patamar considerado pelos pesquisadores em cada situação. Como os territórios regionais são diferentes, notadamente se considerarmos a dimensão territorial de um país como o Brasil cuja formação econômica territorial ensejou diferenças regionais que vão de escalas macro (as grandes regiões brasileiras do IBGE) a escalas a nível estadual ou outras que obedecem critérios diferentes de delimitações, as cidades médias nestes contextos são também diferenciadas.

No caso das cidades médias cearenses percebe-se que elas apresentam arranjos contínuos e/ou descontínuos, por meio das “verticalidades e horizontalidades,” (SANTOS, 1994), a primeira, entendida aqui como solidariedade organizacional resultante das empresas que chegam e impõem nexos geográficos distantes e solidariedades orgânicas horizontalizadas característica das ações regionais que se manifestam dentro de um acontecer solidário entre essas cidades e as cidades vizinhas.

Bibliografia

- AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org). **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 343-378.
- ANDRADE, T. A. e Serra, R. V. **Crescimento Econômico nas cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, nº 592, 1998 b. (Coleção texto para discussão).
- _____, **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA, nº 554, 1998 a. (Coleção texto para discussão)
- AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação B.(Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- CATAIA, M. A. **Território Nacional e fronteiras internas**. A fragmentação do território Brasileiro. Tese de doutorado. FFLCH, Departamento de Geografia. USP. SP, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação B.(Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- DANTAS, E.W.C. Sistema de cidades em terra semiárida. In: ALMEIDA, M. G. & RATTIS, A. (org.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiania: Alternativa, 2003.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade: Fortaleza em questão**. Fortaleza: Stylus, 1991.
- PONTES, Beatriz M. S. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: **Cidades médias: produção do espaço urbano regional**. SPOSITO, Eliseu S., SPOSITO, Maria Encarnação B. (org). 1º ed – São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo** – Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec. 1994

SILVA, J. B. A Cidade Contemporânea no Ceará. In SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova História do Ceará**. 3ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. In: **Revista Formação**. Presidente Prudente: Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP. Presidente Prudente. n. 6, 1999. (p.1-128)

SOUSA, Maria Salete de. O crescimento das Cidades no Ceará e Sua Evolução. AGB – **Anais do 4º Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Fortaleza/CE, 1995.

_____. Ceará: bases de fixação do povoamento e crescimento das cidades. In: SILVA, J. B. Cavalcante T. DANTAS, E. (Orgs.). **CEARÁ: Um novo olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

SOUZA, Brasil. João Pompeu de. Sobral: tentativa de interpretação Histórica de sua Ação polarizadora sobre a Região. In: **Revista de Ciências Sociais**. V. 3, n.º 2, 1972. (105-121)

SPOSITO, Maria Encarnação B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação B.(Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.) **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar A. (Orgs.) **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TOMAS, François (Coord.). Les villes moyennes em Amerique Latine. Ateliers de Caravelle. Salamanca – Espanha, 1998.

Sítios da internet consultados

IBGE - <http://www.ibge.gov.br>

IPECE - <http://www.ipece.ce.gov.br>